

**ANA MARIA MACHADO: OS EFEITOS EVOCATIVOS  
COMO DEFLAGRADORES DE SENTIDOS PECULIARES**

*Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)*

A tonalidade emotiva de muitas palavras se deve às associações que fazem, levando em conta suas origens ou variedades linguísticas. Tais palavras não só passam um significado, mas também nos conduzem a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural.

Stephen Ullmann (1964) assim coloca a questão:

Muitas palavras devem a sua expressividade e o seu efeito emotivo às associações que fazem despertar. Termos peculiares de um determinado meio ou nível de expressão evocarão o seu ambiente usual mesmo que ocorram em contextos totalmente diferentes. Arcaísmos, palavras estrangeiras, termos técnicos, eruditos ou dialetais, vulgarismos e calão, transportarão o leitor ao clima estilístico a que normalmente pertencem.

Como Proust disse uma vez, “todas as palavras têm sobre a nossa imaginação um poder de evocação tão grande como o seu poder de significação estreita”.

Esses valores, conhecidos desde Bally como “efeitos evocativos”, abrangem todo o sistema da linguagem: a pronúncia e a gramática, bem como o vocabulário.

São recursos da língua para valorizar o texto, atribuindo-lhe sentidos peculiares.

**PALAVRAS ESTRANGEIRAS**

Ullmann sintetiza o assunto:

A função estilística primária de termos estrangeiros é produzir cor local: retratar um personagem ou um ambiente estrangeiro e palavras que lhes sejam peculiares. É artifício simples, mas que deve ser manejado com discrição e moderação.

A palavra estrangeira pode até ser utilizada apenas por seu ar exótico, sem cor local definida.

O que voa é super-homem, o ultraman, foguete interplanetá-

rio, ... Boi 20

Quando se emprega uma palavra estrangeira, sem que haja para isso real necessidade, somente em virtude do seu valor “snob”, por causa do ar de distinção que confere, temos os chamados “efeitos evocativos secundários”.

Minha mãe tinha algumas belas peças de opalina. Tinha uma plafoniê azul...

– Isso você já me explicou outro dia, era uma luminária. Bisa 26

Há tonalidades emotivas desfavoráveis das palavras estrangeiras, em muitos casos sendo distorcidas por xenofobia ou por qualquer outra tendência que pode resultar numa depreciação do significado.

Na sala tinha um tal de bufê ou étager (nem sei se é assim que se escreve, é tudo nome estrangeiro, ... Bisa 23

#### PALAVRAS EM PROCESSO ARCAIZANTE

Algumas palavras, por significarem coisas antigas ou antiquadas, de outro tempo ou lugar, às vezes, dão a sensação de estarem num processo arcaizante. Não são ainda arcaísmos, apenas se usam muito raramente. Têm uma função decorativa do ambiente, exigida pelo contexto, nunca fazendo parte da linguagem do autor.

As palavras ditas sinônimas podem evocar certas formas de vida e atividade, certos meios sociais.

A criação lingüística consiste, principalmente, em utilizar, para novos fins, o material existente. Já que tal material encontra-se arquivado no dicionário, aquele que escreve tem à sua disposição enorme quantidade de vocábulos com idêntico significado. Alguns já morreram (arcaísmos), outros permanecem com pouco uso. Evocam um mundo distante, a imaginação, às vezes, se refugiando nessa atmosfera do passado. Essas ressurreições do vocabulário, pelo seu caráter fortemente evocativo, ajudam a dar a chamada “cor local”.

E de noite, na calma do luar, os rapazes aproveitavam o si-

lêncio para tocar alaúdes, violas e bandolins e fazer lindas serenatas para suas amadas. Pr 16

– Socorro! Acudam! Ladrões! Bandidos! Facínoras! Biltres!

E continuou a gritar uma porção de palavras que a Princesa não conhecia... Hist 10

...eles tinham canhões, mosquetes, arcabuzes, escopetas, uma porção de armas de nomes antigos mas que matavam de maneira bem moderna. Olho 27

...não fica só ferindo que nem essas guerras de espada, lança, funda, arco e flecha, catapulta, besta, pedra, porrete, maça, todas essas armas antigas e inocentes. Pr 45

#### PALAVRAS ERUDITAS

Há determinados vocábulos que, à primeira vista não têm muito a ver com a linguagem objetiva, clara e coloquial, porém , excepcionalmente bem estruturada – daí os efeitos surpreendentes – de Ana Maria Machado. São termos que, se não se explicam através de dúvidas levantadas pelos próprios personagens a respeito de seus significados, aparecem na narração já decodificados. Pode também ocorrer que, mesmo sem nenhuma explicação, o leitor deduza pelo contexto ou parta em busca de um esclarecimento para a dúvida via dicionário, encaixando-se perfeitamente no contexto pela habilidade e precisão da autora que deles se utiliza naturalmente, ao colocar os leitores de todas as idades diante de um vocabulário cuidado e, por vezes, erudito, sem quaisquer intenções puristas ou posturas artificiais.

Constitui-se até motivo de interesse, instigando a curiosidade, a manipulação dessa palavra desconhecida.

Mamãe disse que essa cor de retrato velho chamava sépia. Bisa 10

Era uma vez um Elfo. Quer dizer, alguém maravilhoso que em vez de morar só na fantasia vem morar também na mata, onde a gente talvez possa ver.

Era um Elfo lindo como um príncipe das histórias e dos sonhos.

Bem pequenino, como costumam ser os Elfos.

Dormia embaixo de um cogumelo ou dentro de uma flor.

Tinha asas finas, leves e transparentes. Elfo 1 e 2

..., ficar junto do samovar tomando chá e escutando histórias do luar e ... Pr 64

... que eu encontrei nos guardados de minha mãe, numa foto velha e mandei fazer uma holografia Delta ... Bisa 45

Okram e Leafar completaram os ritos do código de abertura e a célula fotoelétrica está destravando a cabine. Pr 68

#### PALAVRAS INDÍGENAS E AFRICANAS

A língua portuguesa, trazida pelos descobridores e colonos lusos, apesar do prestígio que lhe dava uma civilização notável e o poder das armas, já comprovado em encontros memoráveis com os árabes e espanhóis, não conseguiu imediata vantagem sobre a língua geral dos índios – o tupi, nem mais tarde resistiu ao elemento africano, através dos escravos que vieram, mesclando as duas raças já existentes. Então, desses contatos resultaram influências marcantes em nossa língua, notadamente no que tange ao léxico.

Nas obras de Ana Maria Machado podemos também constatar isso, principalmente naquelas em que prepondera o elemento negro e indígena (latino-americano), inclusive).

Vi na areia um buraco de maria-farinha. Ou goroça, como dizia Chico. IQ 40

..., pintada com urucum e jenipapo, enfeitada com penas de arara e periquito, de tucano e japu, de saurá e anambé, que os avós tinham guardado ... T 20

A terra de nossa gente. Tem vários nome diferentes, tem povos diferentes morando nela. Maias, astecas, mejicas, toltecas, incas, chibchas, aruaques, tucanos, tucunas, urubus, camaiurás, xavantes,

cainguangues,... Olho 29

– Como é? Quetzal? – Miguel estranhou o nome esquisito.

– É pássaro sagrado mesmo. Tão brilhante que houve até quem achasse que ele era uma estrela. Olho 30

### BRASILEIRISMOS

Para Celso Cunha (1987), dando forma própria às opiniões de vários dicionaristas, o brasileirismo é “típico, próprio, peculiar, característico, privativo da nossa variante idiomática”.

Ana Maria Machado incorpora também ao seu texto os brasileirismos:

São Benedito está no seu altar

Com os seus olhos brilhando

Quem faz errado, quem faz direito,

São Benedito está assuntando ... Lado 46

...Cansada, suada, imunda, com marca de mão suja no pescoço, camiseta toda expandongada, e fui tomar banho. Bisa 19

A mãe de Tipiti já estava chegando com uma trouxinha cheia de beiju. Bem 22

### BIBLIOGRAFIA

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3ª ed. Paris : Klincksieck, 1951.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Que é um brasileirismo?*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1987.

MACHADO, Ana Maria. *Bem do seu tamanho*. 7ª ed. Rio de Janeiro : Brasil América, 1985.

———. *Bisa Bia Bisa Bel*. 10ª ed. Rio de Janeiro : Salamandra, 1985.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- . *De olho nas penas*. 6ª ed. Rio de Janeiro : Salamandra, 1984.
- . *Do outro lado tem segredos*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- . *Era uma vez um tirano*. 5ª ed. Rio de Janeiro : Salamandra, 1982.
- . *História meio ao contrário*. São Paulo : Ática, 1982.
- . *Mandingas da Ilha Quilomba*. Rio de Janeiro : Salamandra, 1984
- . *O canto da praça*. Rio de Janeiro : Salamandra, 1986.
- . *O Elfo e a Sereia*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Salamandra, 1986.
- . *O menino Pedro e seu boi voador*. 4ª ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.
- MAROUZEAU, J. *Précis de stylistique française*. Paris : Masson, 1969
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo : EDUSP, 1989.
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Recursos lingüístico-expressivos da obra infanto-juvenil de Ana Maria Machado*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro : UFRJ, 1990.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica*. 4ª ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.